

Reflexões sobre a raiva e ódio na peça Medeia, de Eurípides

Eduardo de Almeida Rufino

Universidade Federal da Paraíba

Resumo: Eurípides é um grande criador de caracteres humanos e realismo do teatro da antiguidade. Toda a sua obra é um espelho do *topos* do homem grego clássico, que é marcado como aquele tomado pelo excesso, pelas paixões (*páthos*), pelos conflitos externos e pelas perturbações internas, tal como o amor e o ódio, o desejo e a ira, a inveja e a alegria, o apetite e a rivalidade. Das obras euripidianas, Medeia é uma das mais belas e complexas, senão a maior dentre todas as peças teatrais subsistentes nas auroras atuais. Representada em 431 a.C, lemos nesta obra um *páthos* extremado em relação à personagem de nome homônimo a peça, que a leva ao cometimento de miríades de desmedidas, sobretudo quando em jogo está a sua honra (*timē*) e o convívio (não) harmonioso de seus pares. Em vista disso, este trabalho propõe expor brevemente o modo com o qual Eurípides procurava no mito e nas paixões de Medeia educar o homem grego pelo emocional, purgando os sentimentos destes por meio do método educativo mais eficiente de todos: a poesia (espetáculo trágico). Para tanto, usaremos como premissa teórica a obra *Retórica* de Aristóteles, que expõe acerca das emoções e suas vicissitudes. E, finalmente, o aparato teórico moderno é baseado em David Konstan (2006), cujo trabalho apresenta as emoções sob o viés aristotélico.

Palavras-chave: Eurípides, Medeia, Raiva, Ódio, Aristóteles.

INTRODUÇÃO

Em 480 a.C, nasce Eurípides, cujos prantos quando infante eram ouvidos em meio aos alaridos dos atenienses, que celebravam os êxitos das conquistas na cidade de Salamina e nas Termópilas. Oriundo de uma estirpe abastarda, que na veia corria sangue aristocrata, Eurípides teve acesso a um grande arsenal literário, por onde começou a vislumbrar os seus primeiros lampejos poéticos, sobretudo no ramo da dramaturgia. Habitando em uma Atenas resignificada, cujos valores morais estavam sendo renovados, Eurípides conviveu em uma atmosfera poética e política bastante acirrada. Inovação era, para muitos de sua época, as chaves do castelo para o sucesso em meio aquele labirinto de possibilidades.

Como poeta, desenvolveu métodos experimentais, iniciando a sua carreira como dramaturgo logo após Ésquilo haver morrido em 456/5 a.C, bem como num momento em que Sófocles estava em seu alge, interpretando diante de uma Atenas conservadora. Em nada tradicional, os versos de Eurípides possuem um caráter único, gozando de imensa originalidade. Basta observar que, no tocante de suas obras, o cênico e o *mýthos* atuavam com grande realismo humano, reabrindo antigas discussões entre a ética e a religião, não tão exploradas por outros poetas de sua época. Enquanto Ésquilo era o autor de inabaláveis caracteres e Sófocles o de homens intransigentes, todos os versos das obras de Eurípides se espelharam na alma humana, no modo de agir por meio das emoções, do

vívido sentimento abalável e transigênte, do *topos* de personagens que espelhavam o reflexo das ações de seus espectadores. Portanto, parte da natureza humana retratada em sua obra tende a emular, em grau máximo, o *páthos* (paixões) daquilo que é real, da essência da vida mundana, dos conflitos entre a ética e a religiosidade, entre as vicissitudes dos costumes, do *ser* humano.

Eurípidés, mesmo tendo sido criticado por Aristófanes na obra *Rãs*, gozou de um grande sucesso em Atenas. Morto em 406 a.C, suas obras ainda continuaram sendo louvadas e interpretadas ao longo da Grécia, em especial na Macedônia. Venceu poucos concursos trágicos, embora tenha competido em muitos. Deixou-nos uma vasta obra literária, tendo escrito, ao que se sabe, 81 peças, das quais apenas 19 subsistiram, sendo 18 tragédias e 1 drama satírico¹. Mesmo diante da grande quantidade de obras trágicas da antiguidade, sobretudo aquelas subsistentes na modernidade, as suas peças ainda são hoje cultuadas como uma das maiores primazias literária que o mundo já conheceu, quíça aquelas dentre as melhores obras do ocidente.

Na obra eurípidiana, o mito de Medeia serviu para os gregos antigos como um espelho das ações humanas, mostrando aos homens, que no teatro assistiam a peça, o quanto as emoções alanceadas podiam causar uma grande sorte de males naqueles que a sentiam. Em meio a versos que transpiram realismo, a obra tende a mostrar o *páthos* em seu estágio mais elevado e pernicioso, do simples sentir ao agir com hostilidade, bem como um modo com o qual os homens deveriam, talvez, remediar as paixões, a partir da justa-medida de seus atos. Para tanto, Eurípidés escolhe na mulher desonrada, corrompida pelas paixões, traída pelos seus pares, aquela que habitava num mundo preso aos costumes masculinos, o seu exemplo máximo. Assim, Eurípidés descreve uma mulher par as de sua sociedade, sendo ela de voz forte, manipuladora, injusta, violenta e possuidora de exímia retórica (BLONDEL et AL, 1999, p. 82).

Tudo isso, por conseguinte, era retratado no único local que mais se aproximada da realidade em termos de arte: no teatro antigo. Como local sagrado, todo e qualquer homem que alí nas pedras se sentavam, tendiam a buscar não apenas o deleite de um espetáculo bem articulado entre o canto, a dança, o diálogo e a encenação, entre as peripécias e os acontecimentos patéticos dos personagens. Buscava-se, acima de tudo, educar a si mesmo com os exemplos destacados. Assim, o teatro antigo era um polo educacional anual para além das escolas da antiguidade. Era onde todos se dirigiam em estado peregrino para purgar as emoções a partir do vislumbrar de outras emoções, quer parecidas quer estranhas a si mesmos. Assim, Eurípidés procurava no mito e nas paixões de

¹ Das tragédias temos: Alceste, Andrômaca, As Bacantes, As Troianas, As Fenícias, Hécuba, Helena, Electra, Os Heraclidas, Hércules, As Suplicantes, Hipólito, Ifigênia em Áulis, Ifigênia em Táuris, Íon, Medeia, Orestes, Reso,

Medeia educar o homem grego pelo emocional, purgando os sentimentos destes por meio do método educativo mais eficiente de todos: a poesia.

METODOLOGIA

Da metodologia deste trabalho, utilizamos aqui um estudo histórico-literário, visando a essência do mito de Medeia, de Jasão e do *velo dourado*, tema da obra Euripidiana, com o intuito de defender, portanto, que é na perda da honra de seu nome, das paixões interiores, que Medeia como trama a sua vingança contra os seus sócios, a partir do estopim interno das emoções *ravia* e *ódio*. Para a análise das emoções de Medeia, usaremos, então, como premissa teórica, a obra *Retórica* de Aristóteles, que descreve as emoções e as suas vicissitudes no mundo antigo. Noutro ponto, o aparato teórico moderno usado aqui é baseado nos estudos de David Konstan (2006), cujo trabalho apresenta as emoções sob o vies aristotélico, buscando um passo na modernidade. Todas as obras literárias gregas e latinas foram retiradas e estão citadas de acordo com a plataforma PERSEUS, exceto Medeia, citada a partir da edição de Tedeschi (2010). Dito isso, convém agora conhecermos o mito de Medeia em suas múltiplas tradições para entendermos as emoções na heroína.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: PRELÚDIO AO MITO DE MEDEIA

Na tessaliana terra, em Iolco, Pélias havia destronado pela tirania o seu meio-irmão Éson, que tinha como primogênito o herói Jasão. Mediante a desgraça do pai, Jasão reivindicou ao tio o trono que era-lhe de direito. Entretanto, para livrar-se de Jasão, Pélias pede para que o sobrinho procurasse, na cidade de Colquida, do rei Eetes, seu inimigo pessoal, o *velo dourado* do carneiro² que Phirxus havia dedicado ao deus Ares³. Guardado num bosque na cidade do reino de Eetes⁴, o *velo* estava pendurado em um carvalho, sob a guarda constante de uma serpente sempre acordada⁵. Tendo chegado ao local, Jasão e os argonautas reivindicaram o *velo dourado*, onde aprenderam os terríveis termos e problemas da jornada⁶. Nesse meio tempo, a provinda de Eetes, Medeia, neta do

² Diodóro Siculo, *Biblioteca Histórica*, 4, 40, 4. Sobre a origem mítica do *velo dourado*, Apolônio de Rodas, *Argonáutica*, 2, 1141, oferece-nos uma excelente dado.

³ Pseudo-Higino, *Fabulas*, 12.

⁴ Píndaro, *Pítias*, 4. 156.

⁵ Pseudo-Apolodoro, *Biblioteca*, 1. 109.

⁶ Ovídio, *Metamorfoses*, 7.7.

deus Hélio⁷, apaixonou-se por Jasão e auxiliou-o na conquista do velo dourado, adormecendo a serpente com a sua magia⁸, roubando o prêmio do próprio pai.

De posse do velo dourado, Jasão e Medeia, tendo o matrimônio consumado⁹, retornam à cidade Iolco, com o intuito de a Pélias entregar o artefato e restituir o trono do pai de Jasão. Não obstante, Pélias não havia sido concorde com as suas palavras. Medeia, para vigar-se do tirano, persuade as filhas deste a matá-lo, despedaçá-lo e cozinhá-lo, para que ele pudesse, segundo os encantos dela, tornar-se um varão pujante novamente. Morto Eetes, Jasão e Medeia são perseguidos por Acasto, primogênito do dito tirano, e fogem em direção à Corinto, governada por Creonte. Acolá, Jasão desposa Creúsa, filha do rei Creonte, e rechaça Medeia para casar-se com a nova pretendente, algo bastante comum na antiguidade¹⁰. Medeia se vê abandonada, perdida e sem terra. Assim, é nesse âmbito que se passa toda a ação da peça Medeia de Eurípedes: em meio às emoções que afloram pela paixão de seus personagens, entre o amor e o ódio, a raiva e a vingança.

Diante deste mito, a peça tem como argumento, segundo Aristófanes de Bizâncio¹¹, o ódio de Medeia por seu esposo Jasão, que a largou para desposar Glauce, culminando na raiva da heroína, que serviu como um propulsor para a sua vingança, resultando na morte de sua rival Creúsa e o pai desta, Creonte, rei de Corinto, onde situa-se o drama; resultando também no assassinar atroz dos próprios filhos, estando aplacada por uma cólera que, segundo ela mesma, ultrapassa a razão/pensamento¹². Tal sentimento de vingança por Jasão, imperativo a ponto de guiar sua mão à tocha a casa do inimigo incendiar, ou ao gládio ao fígado do esposo trespassar, inculcou em Medeia uma loucura que, de mais em mais, desdenha incluso as antigas leis que impedem o derramamento do sangue parental: as leis das Erínias¹³. Todas as tramas, aquelas que se passam ao longo da obra, tramadas foram e ocorreram, não segundo apenas em suas mãos, mas, também, nas ditas palavras da heroína, consoante aos seus deuses e aos ancestrais¹⁴.

⁷ Ovídio, *Metamorfoses*, 7.94 seg. e Sêneca, *Medeia*, 28 seg.

⁸ Valerius Flacoo, *Argonáuticas*, 8. 115 seg.

⁹ Apolônio de Rodes, *Argonáuticas*, 4. 1141.

¹⁰ Eurípedes, *Medeia*, 155-157.

¹¹ Aristófanes de Bizâncio, o gramático, estabeleceu algumas sinopses e argumentos, por volta de 200 a.C, acerca das peças teatrais gregas, das quais poucas subsistiram, como é o caso de Medeia.

¹² Eurípedes, *Medeia*, 1079-1080.

¹³ Medeia, movida pela paixão tida por Jasão comete o fratricídio, não importando-se com a fúria das Erínias que caminharam no rastro da trilha de Medeia (Apolônio de Rodes, *Argonáutica*, 4. 473 seg; e Sêneca, *Medeia*, 94 seg.

¹⁴ Eurípedes, *Medeia*, vv. 1013-1014. Interessante é notar que, ao longo da breve esticomitia decorrente entre o Pedagogo e Medeia (vv.1002-1018), Medeia comenta ao Pedagogo que as suas ações foram compartilhadas com os deuses. Contudo, toda a trama havia sido tramada por ela mesma, desde o início (vv. 340-347 para a desculpa da fuga e vv.364-409 para todo o pensar de sua terrífica e cruel vingança).

O ÓDIO¹⁵ E A RAIVA¹⁶ EM (DE) MEDEIA.

Todo o preâmbulo acima não é involuntário, pois é nele que notamos o motivo pelo qual Medeia a tudo e a quase todos repudia e condena: a traição. Retrato vivo na antiguidade, a traição podia ser vista de múltiplas maneiras. Homens e deuses, criaturas e seus pares, todos os seres carnis e imaginários a praticavam. Mal algum não havia no ato carnal da traição. Era um costume, sobretudo entre o varão que, como varão, chefe do lar e primeiro na inha de seus ancestrais, praticavam ao bel prazer. Sem embargo, essa não é a traição da qual fala Medeia. Para além do simples conúbio carnal, a traição condenada pela heroína é a que lhe gera o despudor, que culmina na vergonha de seu nome, na execração de seu ser. É o que lega ao traído nada mais do que a margem como morada, tornando-se apátrida¹⁷, bem como o repúdio dos mais míseros coabitantes da margem a qual ela passará a habitar. É a densonra pela perda do mínimo do que se pode ter para ser respeitada: a honra do próprio nome e uma pátria para dizer ser sua¹⁸. É, portanto, por meio da traição de Jasão, do renegar a pátria e o nome à Medeia que todas as emoções da heroína descritas ao longo da obra são desencadeadas, levando a ela tudo cometer¹⁹.

Desde o primeiro encontro, o que Medeia sentiu por Jasão foi pura emoção. Distinto de sentimento, em Medeia a emoção está baseada numa reação, enquanto o sentimento é-lhe uma construção mental, trabalhada e sem o mesmo impacto direto das emoções. Na heroína, a emoção depende da percepção de seu ser em relação ao que acontece ao seu redor, isto é, de todos os sabores a serem sentidos. É um processo interior que reverbera ao longo de todo o ser, que a torna passiva de todas as sortes de males presentes na obra. Assim sendo, tudo o que é sentido por Medeia em Eurípides é uma *reação* as suas ações perpetradas por e contra Jasão, desde que se conheceram até o derradeiro fim trágico e/ou fugaz de de ambos.

Na obra euripidiana, a reação de Medeia é uma emoção que pressupõe um estímulo emocional. Em Medeia, esse estímulo é gerado a partir da já sabida traição a ela executada por

¹⁵ O termo ódio em grego é bastante elucidador acerca disto. *Ékthros* é derivado de *ékthos*, e significa “odiar” e também “tornar-se inimigo”, tal como expressa o verbo *ékthodopēō*.

¹⁶ O termo grego na obra para raiva é *orgé*, cujo significado alude a “uma forte paixão”. Derivou ainda *orgílos*, cuja nuance principal é “estar inclinado para a raiva” ou uma pessoa “irracível”.

¹⁷ Eurípides, Medeia, 255 e 798-799.

¹⁸ Em Atenas, segundo MacDowell (1978, p. 86-89), a mulher divorciada retornava ao lar paterno. Não obstante, mediante os crimes empreendidos contra o seu lar, Medeia estaria maculada perante os seus ancestrais, não podemos mais regressar. Eis, portanto, o motivo da desonra de seu nome: não ter nome.

¹⁹ Convém antes de tudo destacar o nosso não comprometimento em pontuar passo a passo os detalhes que compõe a obra Medeia. Contendo 1419 versos, precisaríamos de muitas e muitas vidas para estudá-la por completo. Mesmo assim, creio ainda que nunca conseguiríamos analisar-la como um todo. Em vista disso, focaremos aqui apenas e diretamente nas emoções, cabendo ao leitor curiosos a leitura por completo da obra, bem como de seus comentadores.



Jasão, gerando, assim, a sua desonra²⁰. Na mente de Medeia, este estímulo produz um procedimento interior²¹, que suscitará em todas as suas emoções, por meio de duas emoções básicas: a raiva e o ódio. Fato é que, ao longo da obra, raiva não é o que culmina na agressão de Medeia aos seus parentes, tal como lemos no mito acima. Para Medeia, raiva é, bem como para nós mesmos, um mecanismo natural de autodefesa, uma preservação do ser enquanto unidade, sobretudo do gênero feminino, que se vê privada das mesmas honrarias concedidas ao masculino²².

Importante é notar que, raiva, como emoção básica, em Medeia não gera um pensamento mordaz de agressão. Gera-lhe, quanto ao mais, apenas um grau de incômodo e de ressentimento. Por outro lado, a agressão por ela é perpetrada apenas quando é-lhe gerado um pensamento de hostilidade em conjunto com a raiva, de maneira gradual, culminando naquilo que conhecemos como ódio. Emoção, então, gera uma reação em busca de uma melhor resposta para os seus ditames. Mesmo que esta resposta cause um mal, entende-se esse mal para o praticante como um ato e bem libertador. Isto é, um emoção que afeta o funcionamento de todo o ser, do pensamento, das funções psicossomáticas e do agir natural. Medeia, pois, acreditava que, ao praticar um mal, no momento de raiva gradativa e de ódio, realizaria, por meio de uma vingança bem articulada, um bem a si mesma, visto que, para ela, tal como aos gregos, a vingança não era um problema, e sim uma solução (BURNETT, 1998, xvi.). Assim, tramando hostilidades, Medeia pensa na agressão seguida de ódio como um impulso as suas ações.

Por seu turno, ódio é uma gradação da raiva. É onde reside o ponto máximo de procedimento racional do ser raivoso. Ódio é uma emoção dominadora, um controle da situação, não dependente de vivência. A raiva é vivenciada. O ódio da heroína é uma raiva vivenciada em grau máximo de evolução. Em seu modo de agir, tudo parece passar pelo crivo do planejamento, sem qualquer ação deliberada por meio de uma confusão mental. Medeia torna-se inimiga e perpetra todos os seus atos no momento de ódio, visto que no momento de raiva, o desespero toma-a por completo. Atira-se no chão, clama pelos seus ancestrais, promete evocar magias. Não obstante, tudo isso não é realizado naquele momento, e sim num passo mais avançado da obra, onde nota-se uma heroína mais consciente de todo o mal a ser realizado.

²⁰ Eurípides, *Medeia*, 404-405.

²¹ Eurípides, *Medeia*, 225-227

²² Eurípides, *Medeia*, 419-420. O coro aqui evoca, ao saber do caso de Medeia, uma nova honra feminina. Além disso, segundo Aristóteles, na obra *Política* (*Politics* 1252a31-b12, 1254b13-24), tanto os gregos quanto os não-gregos eram superiores às mulheres. Daí a importância de buscar uma nova honra.

No que concerne à raiva, para Aristóteles ela é oposto ao ódio, dado que a primeira acompanha a dor e o segundo não²³. Ódio é, para o filósofo, um produto da raiva. Raiva não provoca exclusivamente a racional potência de agir para com armas lacerar o homem. Torna-se-ia preciso uma gama de coisas que pudesse desta patologia levar o homem a um estado máximo de furor inconsciente, tal como, anota Konstan (2006, p. 193) a raiva do outro combinada com hostilidade. Em adição, todas as intenções de Medeia estão firmadas pela emoção do ódio e do ressentimento. Estas emoções possuem caráter transformador. O ser passa a entender a transgressão de um crime como a negação do crime, como uma resposta planejada às ações futuras. Por seu turno, ódio obnubila os sentidos, sendo capaz de insuflar-lhe a perspectiva da morte para legá-la aos inimigos²⁴. Ao longo da obra, ela dialoga constantemente consigo mesma para não retroceder, mesmo sabendo do sofrimento derradeiro dos inimigos²⁵.

Levando em conta Konstan (2006, p. 46), que não é pela raiva que a ação deliberada acontece, o regir de Medeia à traição, do matar a próle, a mulher e o sogro do marido, são crimes que não ocorrem apenas em favor do sentimento de raiva, da dor interna no emocional da heroína, e sim pelo ódio sentido por Jasão²⁶, devido ao excelso desabono a sua persona e por tudo o que ela enfrentou por ele²⁷. Jasão torna-se, então, para ela, o pior dentre todos os mortais²⁸, pois larga-a mesmo ela tendo a tudo largado tudo para com ele permanecer²⁹. Medeia então, por meio de sua raiva quer ao máximo que ele sinta dor³⁰. Medeia não quer que outros conheçam seus planos de vingança, além das mulheres de Corinto³¹, partícipes do coro na obra. Pouco a pouco ela remedia a raiva, remediando a dor perceptível, que atentaria ao marido o desejo latente de vingança³². Contudo, é pelo ódio (*miso*) sentido por ela que toda as magias serão lançadas em suas vítimas.

O discurso de ódio de Medeia é entoado a Creonte ao longo dos versos 271-356. Neles, a heroína, apesar de destinar, naquele momento, com intenções veladas, o seu sentimento odioso a Jasão, traz em mente um ávido desejo de vingança, não mais movido plenamente pela raiva. O ódio

²³ Aristóteles, *Retórica*, 2.4, 1382a2-14; *Política*, 5.8, 1312b25-34.

²⁴ Eurípides, *Medeia*, 392-394.

²⁵ Eurípides, *Medeia*, 401-403.

²⁶ Eurípides, *Medeia*, 310-311. *all' emòn pòsin | misō*. O termo *misō* ocorre unicamente aqui. Nota-se que Medeia é categórica quanto ao ódio pelo marido. Acreditamos que é o ódio movido pela raiva que a leva a cometer todos os seus atos mais atroz.

²⁷ Eurípides, *Medeia*, 475-490. Aqui Medeia confessa os crimes cometidos em razão do amor tido por Jasão.

²⁸ Eurípides, *Medeia*, 228-229

²⁹ Eurípides, *Medeia*, 800-803

³⁰ Em sua obra *Tópicos* 8.1, 156a 27-b3, Aristóteles comenta que a raiva tem como objetivo causar dor no outro.

³¹ Em Eurípides, *Medeia*, o coro, de início, apoiam os futuros crimes de Medeia como algo justo (268).

³² Se tomarmos Aristóteles (*Retórica*, 2.4, 1382a 10) como paradigma, toda dor é perceptível e tudo é visto no desejo de vingança.



toma conta da situação, arrastando-se ao longo da trama, mesmo que o termo não mais apareça em toda obra. Aplacada a égide da raiva, Medeia diz para Creonte não temer a sua raiva. Entretanto, Creonte a teme (*déidō*)³³ a ponto de querê-la explugar, tendo em vista que o rei temia pela vida de sua filha³⁴ e por outros motivos, como a potência mágica da heroína³⁵. Deste modo, Creonte não espera a sorte chegar, expulsando Medeia de suas terras dado o temor tido pela raiva e odio seu³⁶.

Aristóteles (*Ret*, 2.4. 1382a 1-2) acreditava que essa raiva era uma das três primárias causas para a construção da inimizade, motivo pelo qual Medeia havia sido expulsa de Corinto. Tanto o coro como Jasão tentam instruir Medeia para o mal que a raiva e a inimizade pode suscitar à vida humana, como a eliminação das benesses, levando o homem à ruína. E Eurípides bem sabia disto. Atento a sua época, ele desenhou nestes versos, ao nosso ver, uma maneira de educar o povo ao seu redor para o controle das paixões, mostrando-a da maneira mais realista possível. Embora o caso de Medeia esteja entre os mais extremados de raiva e ódio, que culmina no assassinato de seus próprios filhos e do irmão, o sentimento que a leva a cometer tudo isso era, na época de Eurípides, assaz comum, a ponto de ele mesmo representar estes fatos diante de todos no teatro grego. O fim trágico de Medeia não resulta em sua morte, e sim no acontecimento patético de si mesma, na dor sentida por ela mesma ao provocar a dor em sua prole. Assim, Eurípides mostrou na peça que a raiva e o ódio de Medeia legou a ela, podendo também legar a qualquer um, um grande e cruel preço: o corrompimento de si mesmos, sendo necessário, portanto, uma educação emocional para a prevenção do reverberar das emoções no corpo: o espetáculo trágico.

Tendo isto visto, sobre o papel da peça em relação a sua audiência, segundo Roisman (2014, p. 111-112), Eurípides é categórico. Primeiro ele confronta o público com o *éthos* da vingança, que parte de uma reciprocidade, dramatizando o seu fascínio, para depois apresentar-lhes o terror³⁷, e finalizando a peça com um toque de incerteza e irresolução³⁸. Para nós, consideramos que esta irresolução é o espaço de reflexão dado por Eurípides aos homens de sua época sobre as questões da emoção e vingança no meio social em que viviam. Sobre isso, Candido (2006, p. 23) comenta que o ouvinte se identificava emocionalmente com tudo o que Medeia havia passado, “a ponto de se

³³ Eurípides, *Medeia*, 282

³⁴ Eurípides, *Medeia*, 282-283.

³⁵ Eurípides, *Medeia*, 284-289. Importante é notar que o temor de Creonte não é o mesmo que Medeia entoa para ele, e ela sabe bem disso. Conhecendo o medo afugente que ele possui à respeito de sua *persona*, Medeia muda o discurso do *deido* de Creonte para o *phobew*, tentando, ao máximo, em sua retórica, diminuir o temor de Creonte, afirmando ser néscua nas artes da magia, embora seja ela de toda o medo (*Medeia*, 903). Em relação ao temor deste incrível trecho da peça, constante nos versos 271-356

³⁶ Eurípides, *Medeia*, 325-333.

³⁷ Eurípides, *Medeia*, 764-1316

³⁸ Eurípides, *Medeia*, 1317-1419

afastarem do julgamento racional em prol da satisfação e de interesses emotivos”, podendo, então, realizarem um reflexão mais justa para além do próprio *páthos*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Raiva, ódio, traição, assassinato, tudo isso não era parte de um simples imaginário mítico em que o canto dos atores eram entoados apenas para o deleite dos espectadores. Em Eurípides, todas estas questões significam muito mais do que um simples espetáculo. Para o poeta, as emoções eram o espelho de uma sociedade de valores cambiáveis, de costumes arraigados a uma tradição cujas castas e sistemas patriarcais masculinos monopolizavam, em sua grande maioria, o direito de ser livre enquanto ser humano e social. Os atos, as emoções e o primeiro como uma parcela do produto destúltima são o foco principal da obra Medeia. Entre tantas e tantas análises que podem ser empreendidas na obra Medeia, nunca as emoções de Medeia escapará aos olhos atentos do leitor. É a emoção da obra que dita as emoções dos espectadores. Assim, a obra Medeia é um dos melhores exemplos literários e realistas das emoções no (sobre o) ser humano, especialmente a raiva e o ódio.

Observou-se, aqui, que a raiva em Medeia apenas havia sido insuflada mediante uma traição perpetrada por seu (ex) marido. Os eventos anteriores a peça, como o assassinato do próprio irmão e do tio de Jasão, haviam sido empreendidos como parte da vontade de ter e viver com Jasão. Tudo havia sido perpetrado por meio de um amor tresvairio, em que as ações foram movidas em caráter último pela raiva e/ou pelo ódio, algo distinto do que vemos em Eurípides. Traição e desonra legou a Medeia uma emoção raivosa que, ao longo da trama, elevou a raiva em seu grau máximo, no ódio, executando, mediante um desejo consciente e hostil, uma vingança não remediável as suas penas interiores, causando em si mesma muitas dores, entre elas: conviver consigo mesma como assassina do irmão e da própria prole.

Em Aristóteles, mediante aquilo que expomos sobre Medeia, lemos que a raiva em nada pode auxiliar o homem nos caminhos de sua vida. Dentro da sociedade, o discurso raivoso e o estar furioso era a causa máxima para a construção da inimizade. Eurípides a todos por Medeia apresenta tal situação no teatro, fazendo valer as mesmas ideias aristotélicas, em que a raiva e o ódio são propulsores para manter o outro distante. Lemos também que a dor interna provocada pela raiva serve como um estopim para a vingança que, numa sociedade a ser reconstruída, seria hostil e pernicioso para todo e qualquer homem. Assim, raiva e inimizade, quando debruçadas sobre um desejo de vingança e aliada com a hostilidade, gera um ódio gradativo, emoção que tente a aplacar a si mesmo mediante a dor do próximo.

Por seu turno, em Konstan (2006) lemos as mesmas ideias aristotélicas. Em seu trabalho, o autor, por meio de exemplos colhidos por ele próprio, sobretudo nas tragédias gregas, pôs em prática as definições que Aristóteles havia dito acerca das emoções. Em sua obra, a peça Medeia é vista segundo as emoções da personagem, avaliando que a raiva não delibera as ações contra o próximo, e sim contra si mesmo; e que é no ódio que toda a ação hostil se manifesta. Em vista disso, Konstan e Aristóteles buscam explicar que raiva é emoção, emoção é reação e raiva como emoção não gera penas ao próximo, cabendo apenas ao ódio esta função. Noutro ponto, vimos em Medeia que a raiva e o desequilíbrio interior podem ao homem gerar grande ruína. Assim, consideramos a obra Medeia, sobre o viés de Aristóteles e de Konstan, como uma obra educacional euripidiana, em que o realismo dos fatos ocorridos com Medeia, ao menos a traição e os crimes perpetrados pelas emoções mais fortes na heroína, serviu como um exemplo para que os homens pudesse prevenir a si mesmos mediante os exemplos máximo dos crimes emocionais de Medeia, servindo, assim, como uma educação emocional, que basicamente é um dos papéis da tragédia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ARISTOTLE. **The Complete Works of Aristotle**. The revised Oxford Translation. 2 vol. editado por Jonathan. Barnes. (Bollingen Series LXXI 2). Princeton: Princeton University Press, 1995.

BURNETT , A. P. , **Revenge in Attic and Later Tragedy**. Berkeley/London , 1998 .

BLONDEL, R; et al (org.) **Women on the edge: four plays by Euripides**. New York: Routledge, 1999.

CANDIDO, M. R. **Medéia, Mito e Magia: a imagem através do tempo**. Rio de Janeiro:NEA/UERJ, 2006.

KONSTAN, D. **The emotions of the Ancient Greeks: studies in Aristotle and classical Literature**. Toronto: University of Toronto Press, 2006.

MACDOWELL , D. M. , **The Law in Classical Athens**. Ithaca, 1978

ROISMAN, H. M. **Medea's Vengeance**. In Stuttard, David (org.) Looking at Medea: essays and a translation of Euripides' Tragedy. London/New York: Bloomsbury Publishing, 2014, pp. 111-122.

TEDESCHI, G. **Comento alla Medea di Euripide**. Università degli studi di Trieste: Trieste, 2010.